



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MAURICÉIA SALVADOR DE ARAÚJO

**O DESAFIO DE ALFABETIZAR SURDOS EM LIBRAS COMO
LÍNGUA MATERNA (L1): UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA
DE ENSINO REGULAR NA CIDADE DE SERRA TALHADA.**

**SERRA TALHADA- PE
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MAURICÉIA SALVADOR DE ARAÚJO

**O DESAFIO DE ALFABETIZAR SURDOS EM LIBRAS COMO
LÍNGUA MATERNA (L1): UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA
DE ENSINO REGULAR NA CIDADE DE SERRA TALHADA.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Noádia Iris da Silva.

**SERRA TALHADA- PE
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M455d

Araújo, Mauricéia

O DESAFIO DE ALFABETIZAR SURDOS EM LIBRAS COMO LÍNGUA MATERNA (L1): UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA DE ENSINO REGULAR NA CIDADE DE SERRA TALHADA. / Mauricéia Araújo. - 2019. 44 f. : il.

Orientadora: Noadia Iris da Silva.

Coorientador: Roberto Willians de lima Santos.

Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2020.

1. Alfabetização. 2. Libras como L1. 3. INCLUSÃO. I. Silva, Noadia Iris da, orient. II. Santos, Roberto Willians de lima, coorient. III. Título

CDD 410

Com base no disposto na **Lei Federal Nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998 [...]. Autorizo para fins acadêmicos e científicos a UFRPE/UAST, a divulgação e reprodução TOTAL, desta monografia intitulada **O DESAFIO DE ALFABETIZAR SURDOS EM LIBRAS COMO LÍNGUA MATERNA (L1): UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA DE ENSINO REGULAR NA CIDADE DE SERRA TALHADA**, sem ressarcimento dos direitos autorais, da obra, a partir da data abaixo indicada ou até que a manifestação em sentido contrário de minha parte determine a cessação desta autorização.

Assinatura

Data

MAURICÉIA SALVADOR DE ARAÚJO

**O DESAFIO DE ALFABETIZAR SURDOS EM LIBRAS COMO
LÍNGUA MATERNA (L1): UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA
DE ENSINO REGULAR NA CIDADE DE SERRA TALHADA.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, produzido na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE/UASt.

Orientador:

Prof. ^a Dr. ^a Noádia Iris da Silva / UFRPE

Examinadores:

Prof. M^e Roberto Willians de Lima Santos / UFRPE

Prof. M^e Luciene Barbosa de Souza / FAFOPST

Serra Talhada – PE, 13 de Dezembro 2019

"Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural."

Lucinda Brito

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o mínimo que podemos fazer diante de tantas alegrias que a vida nos proporciona. Começo agradecendo a Deus por, ao longo deste processo complicado e desgastante, me ter feito ver o caminho nas inúmeras vezes em que pensei em desistir. Por toda a força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado a minha meta.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, pessoas guerreiras das quais tenho orgulho, tudo que sou é graças a eles, que dedicaram suas vidas para cuidar de mim e de meus irmãos.

Aos meus irmãos, José Mauricio de Araújo, Michel Salvador e Misael Salvador que apesar dos nossos desentendimentos, sei que posso contar com eles quando preciso.

Ainda a meu irmão, Mikael Salvador, que por uma fatalidade não está mais conosco, mas sei que onde ele estiver, está orgulhoso da sua “baixinha”.

A minha amiga, Pollyana Gomes, por sempre estar me incentivando e pegando no meu pé para que terminasse logo essa monografia. Igualmente a Danila Salvador, pelos puxões de orelhas, concelhos e ajuda nas impressões quando precisava.

A minha prima Admilsa Melo, pelas vezes que me abrigou em sua casa.

A meu amigo de coração Tallys Júlio, que tive a honra de conhecer, sempre me motivou e ouvia os meus dramas pessoais.

As minhas colegas de profissão, intérpretes de Libras: Fernanda Roberta, Gessica Bonfim e Rita Silva.

Ao meu professor de Libras, Roberto Santo e sua esposa Leidjane Nunes, serei eternamente grata, pessoas maravilhosas que Deus colocou em minha vida.

Foram muitas pessoas maravilhosas que conheci, cresci tanto, tive experiências inesquecíveis ao lado de cada um.

Não posso deixar de agradecer a esta Universidade que me proporcionou dias de aprendizagem muito ricos.

Também gostaria de agradecer aos mestres dos quais fui aprendiz, seria impossível citar o nome de todos nessas poucas linhas, cada experiência seja em aula, palestra, eventos ou corredores da UAST, foram determinantes em minha formação tanto profissional quanto pessoal, jamais me esquecerei de vocês.

Agradeço em especial a minha orientadora, Noádia Iris da Silva, pois sem ela esta monografia não teria sido possível. Reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria da minha orientadora e por todo apoio dedicado a mim durante a realização desse trabalho.

A todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram a acreditar em mim, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível.

Por fim, agradeço a banca pela disponibilidade de contribuir com este trabalho.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

EREM – Escola de Referência em Ensino Médio.

GRE – Gerência Regional de Educação.

INES- Instituto Nacional em Educação de Surdos.

L1 – Primeira Língua, Língua Materna, Língua Nativa.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

MEC – Ministério da Educação.

SRM – Sala de Recursos Multifuncionais.

RESUMO

O objetivo desse trabalho, é investigar a coerência entre os documentos oficiais e a oferta de alfabetização/educação de surdos nas redes de ensino. Para isso, fez-se necessário uma análise documental de leis e currículos que versam sobre educação de surdos nos âmbitos federal e estadual. Foram feitas pesquisas de campo com pessoas envolvidas nas políticas educacionais para surdos na região do Sertão do alto Pajeú (intérpretes, gerente “interina” da GRE, diretores de escolas, coordenadora de gestão de educação de Serra de Talhada). E por fim, fizemos um estudo de caso (observações de aulas e questionários) com atores de uma turma de alfabetização em LIBRAS da escola Cornélio Soares na cidade de Serra Talhada em Pernambuco. Ao longo da pesquisa foi notado há insuficiência de registros sobre o histórico da educação/alfabetização de surdos, como também sobre os estudos a respeito da legislação, logo, acreditamos que essa pesquisa tenha contribuído acerca dos avanços na educação de Surdos, bem como na priorização da sua alfabetização na Língua materna e sua inclusão no ensino regular, de modo que tenha despertado um olhar sensível para a valorização desse sujeito histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização de surdos. Libras como L1. Inclusão.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate the coherence between the official documents and the offer of literacy / education for the deaf in the education networks. For that, it was necessary a documentary analysis of laws and curricula that deal with education of the deaf at the federal and state levels. Field research was carried out with people involved in educational policies for the deaf in the Sertão do Alto Pajeú region (interpreters, GRE's "interim" manager, school principals, Serra Talhada education management coordinator). Finally, we conducted a case study (observations of classes and questionnaires) with actors from a LIBRAS literacy class at the Cornélio Soares school in the city of Serra Talhada in Pernambuco. Throughout the research, there was a lack of records on the history of education / literacy of the deaf, as well as studies about the legislation, so we believe that this research has contributed to the advances in the education of the Deaf, as well as in prioritizing literacy in the mother tongue and its inclusion in regular education, so that it has awakened a sensitive look at the valorization of this historical subject.

KEYWORDS: Deaf literacy. libras like L1. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	16
1.1 Considerações históricas e constituição como segunda língua oficial.....	17
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	21
3. ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS EM LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO.....	22
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	32

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida pela lei 10.436/2002 como segunda língua oficial do Brasil, posteriormente, foi publicado o decreto 5.626/2005 que a regula. Segundo o Art. 22 desse decreto, as instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

- I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
- II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005)

Ainda de acordo com o § 1º, “são denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005).

No Art. 23 do mesmo decreto, ainda é assegurado o seguinte:

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Seguido do, § 2º:

As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal **buscarão implementar** as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação. (BRASIL, 2005)

Apesar da pertinência dos textos legais, precisamos questionar sua observância¹ pelo poder público. Cabe às instituições privadas, estaduais e municipais comprometer-se com

¹ Pois cada estado, cidade e município tem sua própria política de educação inclusiva. No caso do estado de Pernambuco, de acordo com a nossa pesquisa, existe a Instrução normativa nº 07/2014 publicada dia 31 de dezembro de 2014 no diário oficial do estado de Pernambuco. A mesma reforça os direitos já garantidos aos surdos na lei federal.

essa causa. Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 10 milhões de pessoas responderam ao censo demográfico que tinham alguma dificuldade na ²audição ou que eram surdas³. Isso equivale a 5% da população brasileira. Busquei dados referente ao ano de publicação da Lei (2002), porém, não obtive êxito.

Ainda que tenha trazido grandes avanços para a inclusão dos surdos e passados 17 anos da publicação dessa lei, é visto que se enfrentam desafios para que a mesma seja cumprida. Um dos pontos a melhorar é ela ser inclusa nos currículos escolares desde o fundamental, diferentemente do que vemos, que é a Libras sendo parte integrante do Parâmetro Curricular Nacional somente no âmbito da educação superior.

No estado de Pernambuco, o direito à educação, com destaque para alfabetização bilíngue, é assegurado no Art. 180 da Constituição:

A educação fundamental e o ensino médio terão uma base comum nacional para os conteúdos dos currículos, respeitadas as especificidades regionais”. § 2º O ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, sendo esta veicular, no que diz respeito à alfabetização bilíngue, considerando-se a diversidade étnica e linguística da sociedade brasileira. (RECIFE, 1999)

Esse princípio é complementado pela instrução normativa nº 07/2014, a qual considera que a Educação Inclusiva é direito de todos os estudantes e a efetivação desse direito é dever da Rede Estadual de Ensino, sem nenhum tipo de distinção. (RECIFE, 2014) No entanto, a experiência na área, nos leva a acreditar que tais leis ainda não se efetivaram no ensino regular.

Sendo assim, os surdos têm a Libras como sua língua materna, diferentemente dos ouvintes que é o português, mas como ser alfabetizado em sua L1 se nas escolas ainda não foi inclusa a disciplina curricular Libras? É um desafio diário para as pessoas com surdez, tanto para ter acesso à educação, quanto para a sua comunicação com os ouvintes, em um país dito bilíngue poucas são as pessoas que realmente buscam conhecer e aprender essa língua.

²A deficiência auditiva significa a diminuição na capacidade de ouvir. Os indivíduos com perda auditiva que varia de leve a grave podem se comunicar pela linguagem falada com o auxílio e uso de aparelhos auditivos. A surdez é definida pela Organização Mundial de Saúde como a “perda completa da capacidade de ouvir em uma ou ambas as orelhas”. Geralmente, um indivíduo surdo têm perda auditiva profunda e costuma usar a língua de sinais para se comunicar. O aspecto cultural é muito diferente da definição médica e não pode ser ignorado. Nesse sentido, ser surdo ou ter deficiência auditiva não está relacionado com o quanto você consegue ouvir, e sim com a maneira como você se reconhece. As pessoas que se identificam com a "cultura surda", utilizam a língua de sinais e participam ativamente da comunidade, consideram-se surdas. Para eles, a perda auditiva é encarada como uma forma diferente de aproveitar o mundo e não como uma deficiência que os limitam de ter uma vida como qualquer outra.

Meu contato com a Libras foi durante o meu curso de licenciatura em Letras Português/Inglês cuja grade curricular, na época, era composta por uma disciplina obrigatória dessa língua, conforme regula o decreto nº5.626/2012:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASÍLIA, 2005)

Costumam me perguntar se tenho algum parente surdo e se foi por isso que surgiu o meu interesse por essa Língua. Então, eu questiono se para aprender inglês é necessário ter algum parente que vive no exterior e não sabe falar português? Não, né! Até porque a disciplina de Língua inglesa é obrigatória nas escolas de ensino desde o fundamental II até o ensino médio. E porque o ensino da nossa segunda Língua oficial não é? Provavelmente por descaso por parte do governo em relação à educação de surdos, falta de profissionais nessa área de ensino, entre muitos outros fatores.

Tive e tenho um excelente professor de Libras, agradeço ao profissional Roberto William de Lima Santos, por ter ofertado o curso de ensino e extensão em Libras. Fiz parte da primeira turma do curso, junto com outras universitárias. Foi através do professor Roberto que conhecemos a Língua Brasileira de Sinais, até então nunca tinha ouvido falar na mesma. Ao passar das aulas, o meu interesse foi aflorando, fui chamada para trabalhar como intérprete de Libras em uma escola municipal na cidade de Carnaíba. Atualmente, sou contratada pela Gerência Regional de Educação do Sertão do Alto Pajeú como intérprete de Libras na Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Mendes da Silva.

Essas experiências me sensibilizaram para os desafios que os alunos com dificuldade auditiva enfrentam para se adaptar às condições educacionais impostas pelos sistemas de ensino, contradizendo o que nos traz a Declaração de Salamanca (1994) acerca da educação de pessoas com necessidades especiais:

Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer suas necessidades. (pág.1)

Como tenho notado, os alunos surdos são os que, na maioria das vezes, têm que se adaptar às metodologias propostas pelos professores, que deveria ser ao contrário. Esse é um dos motivos para que alunos surdos atualmente cheguem ao ensino médio sem estar fluentes

em sua língua materna. Ainda conforme nossas observações, a introdução dos intérpretes de Libras nas escolas tem se mostrado insuficiente no sentido de garantir a alfabetização nessa língua.

Por esse motivo, nesse estudo tomamos a alfabetização de surdos em Libras como objeto de pesquisa. Para tanto, utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa composta por triangulação de dados realizamos um estudo de caso sobre a alfabetização de surdos em Libras, esse estudo foi feito por meio de uma entrevista com os professores da sala de AEE, da escola de ensino regular Cornélio Soares e pelas observações feitas em sala de aula, Este trabalho tem por objetivo investigar analisar leis e currículos federais, estaduais e municipais no que desrespeito a educação/alfabetização de surdos. Está pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é composto por uma breve explicação sobre a Língua Brasileira de Sinais, algumas considerações histórias sobre ela e sua constituição como segunda língua oficial do Brasil. No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos dessa investigação. No terceiro capítulo, por fim, apresentaremos as considerações finais sobre a pesquisa.

Na sequência, narramos nosso processo de pesquisa numa turma de atendimento especial, cujo objetivo era alfabetizar surdos em Libras L1. Nosso objetivo é conhecer os desafios que os estudantes surdos enfrentam no seu dia a dia escolar, se o seu direito de ser alfabetizado em Libras é respeitado na cidade de Serra Talhada e Quais as estratégias e recursos didáticos são utilizados nesse processo de alfabetização em Libras, tomando como campo de pesquisa uma sala de aula apenas de alunos surdos numa escola de ensino regular.

1

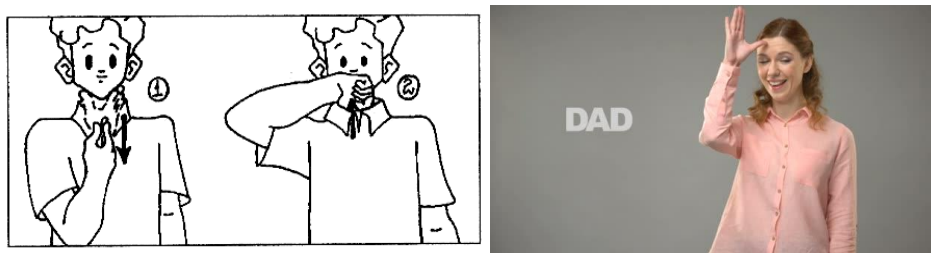
SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:

Nesta primeira parte do trabalho, traremos uma discussão sobre a Língua Brasileira de Sinais. Iremos ressaltar algumas considerações históricas sobre a Libras que julgamos importantes, até porque o foco do trabalho é sobre a alfabetização de alunos surdos em Libras como L1, tendo em vista que é a sua língua materna. Para isso tivemos que pesquisar sobre leis, decretos entre outros documentos oficiais que asseguram esse direito aos surdos. Dentre os documentos analisados, iremos ressaltar a Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que garante, entre outras providências, a educação bilíngue – Libras/Língua Portuguesa, e ao mesmo tempo oficializa a Libras como segunda língua do Brasil.

A Língua Brasileira de Sinais que é usada pela comunidade surda do Brasil é regulamentada por lei, reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão. Diferentemente dos outros idiomas que são orais-auditivos, a Libras é visual-motora. É uma língua pronunciada pelo corpo e pelas expressões faciais. Ao contrário do que muitos pensam, a língua de sinais não é universal, pois, assim como as orais, as línguas de sinais pertencem às comunidades onde são usadas. Sendo assim, cada país tem sua própria língua de sinais, por exemplo: em nosso país, temos a Língua Brasileira de Sinais (Libras), nos Estados Unidos tem a Língua de Sinais Americana (ASL), na França tem a Língua de Sinais Francesa (FSL) e assim por diante.

Cada uma dessas línguas é tida pela linguística como uma Língua natural, pois atendem a todos os critérios linguísticos: transmitem ideias, opiniões e fatos. Além disso, semelhantemente às línguas orais-auditivas, as de sinais são compostas pelos níveis linguísticos fonológico, morfológico, o sintático e semântico (FERREIRA, 2015). A Língua Brasileira de Sinais tem sua origem da língua de sinais francesa, lembrando que as línguas de sinais não são universais, cada uma tem suas particularidades, variando de acordo com as influências da cultura pela comunidade que a usa. Por isso, essa língua também têm suas variações linguísticas.

Vejamos um exemplo de variação linguística da palavra “PAI” entre a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e a Língua de Sinais Americana (ASL) respectivamente:



Fonte: Google

Na Libras há alguns tipos de variações. Variação Social, Mudanças Históricas e Regionalismo. (BONFIM, 2018) No entanto, de início, a finalidade deste trabalho não é essa, de tratar, falar ou aprofundar e explicar detalhadamente sobre as variações da Libras. Trouxemos um exemplo para que pudéssemos notar que igualmente as línguas orais, as de sinais tem suas particularidades e variam entre elas.

Em seguida, veremos algumas considerações históricas que foram importantes para a conquista do direito à educação dos surdos no Brasil.

1.1 Considerações históricas e constituição como segunda língua oficial:

Com a existência dos surdos, era necessário ser criada uma forma de comunicação entre eles e ouvintes, foi a partir dessa necessidade que surgiu a língua brasileira de sinais ou como era conhecida antigamente, “língua gestual”. Porém, o desenrolar dessa história não foi tão fácil como vocês imaginam. Os surdos não buscavam somente o direito a uma boa educação ou a comunicação apenas, eles lutavam, principalmente, pelo direito à vida.

Ao se tratar dos direitos das pessoas surdas, tanto na educação como também pelo reconhecimento de sua própria identidade e cultura, vemos que essa luta não é recente. Durante séculos os surdos vêm travando diversas batalhas contra a sociedade, instituições tanto religiosas quanto governamentais e, em alguns casos, até mesmo contra a própria família.

Sêneca (4 a.C. a 65 d.C.), um dos mais importantes intelectuais do Império Romano na época do Renascimento declarou:

Não se sente ira contra um membro gangrenado que se manda amputar; não o cortamos por ressentimento, pois, trata-se de um rigor salutar. Matam-se os cães que estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas. Matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos. Se nascerem defeituosos ou monstruosos, afogamo-los. Não é devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis (SÊNECA apud OLISAROSKI, p.06).

O que Sêneca afirma, é que antigamente as pessoas com algum tipo de deficiência não tinham sequer o direito à vida, por isso jamais chegariam a ter direito à educação ou, ainda, a um tratamento digno, pois ao nascerem ou se descobertos eram mortos. De acordo com Olisaroski (2013), os surdos sofriam vários tipos de preconceitos e crueldades, sendo sacrificados ou vistos como incompetentes, não podiam casar, possuir propriedades, receber heranças ou ter empregos dignos. A igreja dizia que surdos não tinham alma, pois não conseguiam proferir os mandamentos divinos.

Foi a partir do século XVII, através do francês Charles Michel de L'Épée (1712-1789) que começaram a surgir os primeiros interesses pela educação dos surdos. L'Épée se dedicou à instrução de surdos, mesmo que com finalidade de formar mão de obra e não de formar pessoas capazes, conscientes de seus direitos (NUNES, 2019). Portanto, L'Épée foi considerado o “pai dos surdos”, tendo ele ótimas condições econômicas, dedicou-se exclusivamente à educação da pessoa com surdez, e passou a defender a língua de sinais, além de utilizá-la em seus trabalhos.

No Brasil, a história da educação de surdos e do surgimento da Língua Brasileira de Sinais, deu-se início no ano de 1857 quando um homem chamado Ernest Huet, um professor francês surdo, foi convidado por D. Pedro II a vir ao Brasil para fundar a primeira escola para meninos surdos, primeiramente chamada de Imperial Instituto de Surdos Mudos, atualmente conhecido como o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) localizado até hoje no mesmo local, no Rio de Janeiro.

O INES é considerado o centro de referência e de formação dos indivíduos surdos. Mesmo que na época de D. Pedro II não fosse mencionada a Libras, os sinais eram privilegiados na educação das crianças. Huet, como iria precisar de ajuda durante as aulas, também trabalhou na formação de outros dois professores, para que auxiliassem na educação dos surdos.

Foi com a iniciativa de D. Pedro II, de ter fundado a primeira escola para surdos, que eles tiveram a oportunidade de criar a própria língua, a Língua Brasileira de Sinais, derivando da Língua de Sinais Francesa, que Huet utilizava e de outras formas de comunicação já existentes.

Quando se pensava que tudo estava bem e que enfim os surdos teriam o direito garantido à educação em sua língua, em Milão, no ano de 1880, foi realizado o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, no qual ficou definido que o método oral era o mais adequado na educação do surdo. Com isso, a língua de sinais foi proibida para a comunicação e ensino

dos surdos, obrigando-os a fazerem uso da língua oral, isso para os surdos no mundo todo. Com isso, o congresso de Milão veio para tirar qualquer chance e esperança que os surdos tinham a respeito do direito a educação.

Uma história que teve seu início marcado pelo sofrimento, por opressão e até mesmo pela ausência de conhecimento por parte dos ouvintes, seguida de experiências educacionais divergentes entre si, ora através da gestualidade (língua gestual), ora através da imposição do oralismo. Foram décadas de lutas em busca de uma educação, de um ensino eficaz para os surdos, e o congresso de Milão só veio para atrasar mais ainda essa constante luta.

Porém, as reivindicações e os movimentos das comunidades surdas não pararam. Em 1994, em Salamanca na Espanha, ocorreu uma conferência mundial sobre educação especial, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social. Como consta na referida declaração, foi uma conferência mundial envolvendo vários países, governos e organizações. Vejamos:

Nós, os delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia aqui em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados.(SALAMANCA, 1994)

Depois de tudo isso, sentiu-se a necessidade de assegurar legalmente o direito à educação às pessoas com surdez. Portanto, a Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, garante, entre outras providências, a educação bilíngue – Libras/Língua Portuguesa, para que a tão almejada educação de qualidade aconteça sem prejuízos à pessoa surda. É como se fosse uma forma de compensar anos de sofrimento causados por diversas instituições que, no intuito de “favorecer” o surdo, vieram ao longo dos anos, causando a ele vários tipos de prejuízos. Reflexos desses prejuízos são sentidos até hoje, pois há muitos alunos surdos numa situação de fracasso escolar e educadores numa situação de insegurança quanto aos métodos educacionais por eles utilizados. Alguns desses profissionais da educação buscam novos métodos para que os surdos possam ter o seu direito garantido, sem precisar usar o termo inclusão para tal fim, uma vez que a educação é direito de todos e, segundo o capítulo I, artigo 5º da Constituição Federal do Brasil, de 1988 “todos são iguais

perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos dessa investigação.

2

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Como já mencionado na introdução, recorreremos a triangulação de dados nessa investigação. Primeiramente fizemos a análise documental de leis e currículos que versam sobre a educação de surdos nos âmbitos federal e estadual. Essa coleta foi feita nas páginas institucionais do Portal da Legislação, do MEC e da secretaria de educação de Pernambuco. Além desses textos, artigos e teses sobre a educação de surdos nos serviram de referencial teórico para o desenvolvimento desse trabalho.

Em seguida, fizemos uma pesquisa de campo. Visitamos a GRE Sertão do Alto Pajeú, localizada no município de Afogados da Ingazeira, cuja jurisdição estão as escolas dos seguintes municípios: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. Lá entrevistamos a técnica de educação, Joseilma Barbosa Lima, a respeito das leis e currículos que a GRE adotaram para a educação dos surdos (ANEXO 1).

Por fim, foi feito o estudo de caso, ocasião em que foram observadas as aulas de uma turma de alunos surdos, na escola Cornélio Soares, na cidade de Serra Talhada. As observações eram feitas tanto em sala quanto no pátio durante os intervalos do lanche. Após o término das observações, fizemos uma entrevista com o instrutor surdo, Jeferson Wesley Cordeiro dos Santos (ANEXO 2) e com a professora de Língua portuguesa, Luciene Alves Santos Pulça (ANEXO 3). O objetivo da entrevista era saber a opinião de ambos sobre a alfabetização dos surdos, a formação de cada um dos profissionais de ensino, a quanto tempo lecionam em turmas de alunos surdos, como surgiu o interesse por essa área de ensino e sobre os desafios encontrados durante esse processo de alfabetização.

3

ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS EM LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO:

De acordo com uma publicação no site da secretaria do estado de Pernambuco³. A matrícula dos estudantes com deficiência deve ser realizada na classe comum do Ensino Regular. Os estudantes também devem frequentar, no contra turno, às Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) para terem acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Logo no primeiro dia das minhas observações, na EREM Cornélio Soares, em Serra Talhada, notei que os alunos surdos da referida instituição, estão inseridos sim em uma escola de ensino regular, porém, suas aulas são apenas na sala de AEE. Isso mesmo, apesar da inclusão dos alunos surdos na escola, há essa contradição, pois o decreto de Nº 5.626/2005 determina que:

Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de **complementação curricular**, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação. (BRASIL, 2005)

Os alunos são atendidos no período matutino, das 07h30 às 11h30. Suas aulas acontecem na sala que deveria ser/que é de Atendimento Educacional Especializado. Sua alfabetização é ofertada apenas em um turno. Vimos na citação a cima, que os alunos têm o direito de estarem inseridos na sala regular de ensino, e que no contra turno eles deveriam ser atendidos individualmente ou até mesmo em pequenos grupos na sala de AEE no intuito de auxiliar o aluno com o seu desempenho escolar, mas o observado foi justamente o oposto.

A sala de aula é composta por onze alunos no total, sendo 6 meninas e 5 meninos, com idades diferenciadas, a mais nova tem 11 anos e o mais velho tem 65. Do total de alunos surdos, apenas três meninos oralizam. Das meninas nenhuma oralizava. Dos meninos, um se destacou, sua oralização é muito boa, mas ao perguntar ao mesmo qual a sua preferência entre oralizar ou usar a Libras, sua resposta foi o uso da Língua de Sinais, pois é a sua língua materna. A classe é acompanhada por uma professora especializada em língua portuguesa e que sabe Libras, e por um instrutor surdo, formado em Letras/Libras e que é fluente em sua língua materna, a Libras.

³Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/>. Acesso em 05 de dezembro de 2019

A escola conta com uma intérprete de Libras, no entanto, ela não está inserida na sala de alfabetização dos surdos, por escolha da família de um aluno surdo, que antes estudava nessa mesma sala, e com o avanço satisfatório do seu aprendizado, o mesmo é o único surdo que está inserido em uma sala de ensino regular, na referida escola, frequentando o segundo ano do ensino médio. Por isso, a intérprete teve que deixar a sala de AEE para poder garantir o direito do aluno surdo a ter o acompanhamento na sala de ensino regular. A maioria dos alunos surdos preferem, após estarem aptos, estudar na sala de Educação de Jovens e Adultos ofertado no turno noturno.

Durante as minhas observações, notei que a interação e a comunicação entre eles em sala de aula, digo, entre professores e alunos, é satisfatória. Entretanto, com a falta de um intérprete de Libras em sala, fica difícil a comunicabilidade entre pais de alunos que chegam para visitar, entre funcionários que vão a sala dar algum aviso, ou entre qualquer outra pessoa sendo ela ouvinte ou surda que chega na sala. No curto período de tempo que estive observando a sala, a fim de facilitar essa comunicação, e por amor a Libras, também fiz o papel de intérprete na sala de aula.

Por conta do meu trabalho, e por outros vários motivos, pude observar apenas uma semana de aulas, mas foi um prazer estar com essa turma, fui muito bem recebida, como já conhecia o instrutor de Libras, ficou mais fácil de chegar na escola e de estar em sala.

Mesmo a turma contendo onze alunos matriculados, durante o tempo de observações a sala de aula nunca estava completa. No primeiro dia das minhas observações, 07/10/2019, estavam presente apenas 7 alunos, no segundo dia, 08/10/2019, tinham apenas 6 estudantes, no terceiro dia, 09/10/2019, em virtude do falecimento de uma docente da escola que já havia trabalhado na sala de AEE, a escola estava de luto e todos os alunos foram liberados. Mesmo assim, tinha um estudante surdo que morava no sítio, e só poderia ir para casa nos transportes escolares, o instrutor e eu, ficamos conversando e fazendo companhia para o mesmo. Ainda na ocasião, o instrutor explicou e ensinou alguns sinais que o aluno não conhecia referente à morte, como: infarto, sangue, a diferença entre vida e morte.

Pude notar de certa forma a inocência do aluno quanto a essa questão, para nós ouvintes é muito fácil diferenciar e saber o sentido de viver e morrer, já para os surdos e ainda mais os que estão sendo alfabetizados ou não são alfabetizados é muito complicado. Teve um momento que o aluno ao saber do acontecido, perguntou-me se eu teria ouvido algum sino vindo do céu, pois foi como alguém, provavelmente da sua família, explicou para ele o significado de morrer, porque o mesmo já tinha perdido o pai, falaram para ele que,

quando uma pessoa está perto de morrer, tocam um sino no céu e os anjos vem busca-lo e leva-lo para perto de Deus.

No quarto dia das minhas observações, 10/10/2019, estavam presentes em sala de aula 7 alunos. No quinto dia das observações, 11/10/2019, compareceram 6 alunos à aula.

Antes das descrições das aulas, irei expor logo abaixo, uma tabela representativa sobre o perfil de cada aluno da sala de AEE, contendo os seguintes dados respectivamente: A abreviatura da nomenclatura do aluno, sua idade, sexo, o ano da sua matrícula na escola, se mora na zona urbana ou na zona rural, se o mesmo oraliza e a frequência de cada um durante a semana que estive em sala de aula. Vejamos:

Tabela representativa sobre o perfil de cada aluno da sala de AEE										
ABREVIATURA DO NOME	IDADE	SEXO	ANO DA MATRICULA	ONDE MORA	ORALIZA OU NÃO ORALIZA	ESTAVA PRESENTE NO DIA DAS OBSERVAÇÕES				
						1º	2º	3º	4º	5º
B.I.G.P	33 ANOS	FEMININO	2011	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	P	P	P	P	P
C.R.F.J	27 ANOS	MASCULINO	2012	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	P	P	P	P	P
C.R.S	15 ANOS	FEMININO	2018	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	P	P	P	P	F
D.I.S	16 ANOS	MASCULINO	2012	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	F	P	P	P	P
J.E.S	17ANOS	MASCULINO	2018	ZONA RURAL	ORALIZA	P	P	P	P	P
J.L.L.S	20 ANOS	MASCULINO	2009	ZONA URBANA	ORALIZA	P	F	F	F	F
N.M.S	18 ANOS	FEMININO	2012	ZONA URBANA	NÃO ORAZINA	F	F	F	F	F
S.D.N	65 ANOS	MASCULINO	2008	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	F	F	F	F	F
S.M.B	39 ANOS	FEMININO	1996	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	F	F	F	F	F
T.E.M.A	18 ANOS	MASCULINO	2011	ZONA URBANA	ORALIZA	P	F	P	P	P
T.V.S	11 ANOS	FEMININO	2015	ZONA URBANA	NÃO ORALIZA	P	P	P	P	P

Fonte: elaboração própria.

No decorrer da minha pesquisa na sala de aula, busquei analisar não só a interação entre os componentes da sala de AEE, mas também com todo o corpo docente da escola e com os outros alunos. Como já imaginava e constatei de fato, os surdos optam por ficarem entre eles, tem pouco contato com os estudantes ouvintes, geralmente eles saem para o intervalo, merendam e voltam para a sala de aula. Percebi que alguns funcionários da cozinha, mesmo sem saber direito a Língua de sinais, sempre cumprimentam os alunos surdos, o pessoal que fica na portaria age igualmente. Isso não acontece apenas com os alunos, o instrutor surdo só consegue se comunicar com os demais professores e com a direção, por intermédio da intérprete de Libras, pois o restante do corpo docente da escola, não sabe a Língua Brasileira de Sinais, além da professora de Língua Portuguesa que o auxilia na alfabetização de surdos na sala de AEE.

Ao longo das atividades propostas pelos professores em sala, os alunos se empenhavam para responde-las. Eram atividades simples, para nós ouvintes e que somos alfabetizados, no entanto para os alunos surdos não são fáceis. Atividades referente a leitura de textos, ortografia, atividades práticas nas aulas de matemática, filmes e debate sobre o mesmo.

A atividade proposta no dia 07/10, foi a leitura de um texto intitulado “Bolhas de Sabão” (ANEXO 4), a professoras de Língua portuguesa era quem sempre copiava as atividades no quadro. As questões propostas para a atividades eram sobre ortografia, a professora copiou algumas palavras no quadro e pedia para que os alunos circulassem o dígrafo LH, uma outra questão era para completarem as frases com as palavras corretas. (ANEXO 5) Andes de darem início a atividade, o instrutor fez a leitura do texto e foi chamando de um por um para que também fizessem a leitura. Após o término da leitura individual de cada aluno, eles responderam a atividade no caderno e ajudaram na correção da mesma na lousa.

No dia 08/10, dando continuidade com ortografia das palavras, a professora copiou a atividade na lousa, era uma questão com palavras escritas de A a Z (ANEXO 6). Foi copiado o alfabeto no quadro e eles deveriam colocar essas palavras em ordem alfabéticas (ANEXO 7). A outra questão era para que eles escrevessem com a inicial de cada vogal qualquer palavra que viesse a mente (ANEXO 8). Na última atividade, a professora fez uns desenhos no quadro e ao lado de cada desenho estava escrito três nomes e os alunos deveriam circular o nome referente ao desenho (ANEXO 9). A correção da atividade foi feita coletivamente, o instrutor pedia para que os alunos respondessem no quadro, essa interação e participação era

notória em todos os dias das observações. Após a correção, a professora de língua portuguesa entregou para cada aluno uma atividade xerocada com o nome e o desenho de palavra que ela tinha escrito no quadro logo no início da aula.

Dia 10/10, os professores trouxeram para a sala de aula um filme intitulado “E seu nome é Jonas” (Michaels, 1979). O filme conta a história de um menino surdo que encontra muitas dificuldades no convívio social e principalmente familiar. Por um erro de diagnóstico, ele é internado em uma instituição para crianças consideradas deficientes mentais, permanecendo por três anos.

Quando os pais descobrem o erro médico, e sentindo-se culpados pela situação do filho, decidem levá-lo para casa. É a partir desse momento que começam a aparecer as dificuldades de comunicação dos pais ouvintes com o filho surdo, ao ponto de gerar desentendimentos entre a família. Pensando em ajudar o filho e melhorar a relação familiar, a mãe busca ajuda de todas as maneiras possíveis, tenta muitas formas de se comunicar com o menino, mas a resistência do marido aumenta dia após dia e para manter o filho em casa, ela enfrenta a negação do cônjuge. Para ele, Jonas deveria permanecer internado.

Por não aceitar a pressão social de ter um filho com deficiência, resolve abandonar o lar. As limitações comunicativas impostas pela surdez são cada vez mais percebidas pela família de Jonas. No entanto, a sua mãe, não desiste de ajudá-lo e matricula Jonas em uma escola oralista. A diretora da escola é muito clara ao avisá-la de que ali não se permitia o uso de sinais, pois o seu uso atrapalharia o processo de aprendizagem da língua falada. O tempo passa e não há progresso no processo de aprendizagem do menino. A diretora do colégio alega que realmente é difícil e que demanda tempo. Alega que, Jonas, tinha demorado a ingressar na escola e estava fora da faixa etária ideal para o processo de oralização, mas que iriam fazer um grande esforço para recuperar o tempo perdido e oralizá-lo.

Numa das sessões de oralização a que a mãe levava o menino, enquanto esperava o filho em uma sala, ela presencia um casal de surdos sinalizando e nota que há uma comunicação perfeita entre os dois e o filho, embora fosse sinalizador, o garotinho também frequentava as aulas de oralização. A mãe de Jonas, encantada com a facilidade de comunicação e entendimento que tinha visto entre aquela família, decide marcar um encontro para conhecer o “Clube dos Surdos”. Ela vai e fica impressionada ao constatar como a comunicação flui naturalmente através dos sinais. Decide, então, que iniciará o filho na língua de sinais e retira-o da escola oralista.

A partir dessa decisão, desencadeia-se um processo de construção identitária que torna Jonas um sujeito ativo no ambiente em que está inserido. No momento em que descobre

as palavras e os respectivos conceitos e significados, passa a estabelecer relações entre as coisas do mundo. Em um desses momentos, encontra um passarinho morto, entende a morte e a associa à morte de seu bisavô, um de seus únicos amigos, que havia morrido diante de seus olhos, no momento em que brincava com ele na feira em que trabalhava.

O filme termina com Jonas entrando numa escola regular para surdos sinalizadores e apresentando-se a uma aluna que, por língua de sinais, pergunta qual é o seu nome. Ele, então, também, em língua de sinais, responde: “Meu nome é Jonas”.

É nítido durante todo filme, por mais que este não seja uma produção cinematográfica dos tempos atuais, o mesmo retrata questões que fazem parte da história dos surdos, como por exemplo, a impossibilidade de diálogo com pais e educadores, o despreparo de ambos para lidar com crianças e jovens surdos, o confronto entre oralização e sinalização⁴, a alfabetização tardia na sua Língua Materna, enfim, o filme retrata temas polêmicos que se perpetuam ao longo da história.

Mesmo o filme não sendo legendado, a turma gostou muito, uns até se emocionaram, eu fui uma das. Foi solicitado pelo instrutor, que cada um falasse o que entendeu sobre o filme, me surpreendi com cada umas das participações, eles comparavam o filme com acontecimentos dos dias atuais. Terminadas as discussões, o instrutor ainda passou um slide sobre a pirâmide alimentar, e ressaltou a importância de se alimentarem bem, e qual a função de cada nutriente em nosso corpo.

É chegado o ultimo dia das observações, 11/11, a atividade proposta para este dia foi sobre sistema de medidas, matemática. Com o auxílio de uma régua, os alunos deveriam medir o tamanho da sua borracha, do seu caderno, da palma da sua mão e do seu pé. Usando uma trena métrica, e com a ajuda da professora de língua portuguesa, eles mediram a largura e o comprimento da sala de aula, o comprimento da janela e da porta e mediram uns aos outros (ANEXO 10). As atividades neste dia foram rápidas, as turmas foram liberadas as onze horas da manhã por causa da comemoração do dia dos professores na escola.

É notória a participação dos alunos em todas as atividades. A participação dos mesmos, faz com que avancem no processo de alfabetização. Foi feita uma entrevista com a professora de Língua Portuguesa e com o instrutor de Libras. Uma das perguntas era se eles eram favoráveis à alfabetização de surdos em Libras como L1 e o porquê.

Você é favorável a alfabetização de surdos em Libras como língua materna?

⁴ Lembramos sobre o congresso de Milão, pois foi nesse congresso que votaram e foi proibido o uso da Língua de Sinais e o método oral passou a ser obrigatório na educação dos surdos de todo o mundo.

Sim, sou favor, como já sabe que sou surdo. Eu sou favorável à alfabetização dos alunos surdos a Libras porque é primeira língua natural que é uma língua de sinais que facilita a compreensão dos surdos na aprendizagem e desenvolvimento escolar, por conta de instrumentos de Libras que ajudá-los adquirindo seus conhecimentos. Se não fosse a Libras, alunos teriam dificuldades de aprender. Como os surdos vão se comunicar sem sua própria língua? Libras é língua materna deles. (J.W.C.S)

Sendo membro da comunidade surda, usuário da Língua e trabalhar na área da educação de surdos, o mesmo acredita que a alfabetização em Libras como LI é a única maneira para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos surdos. A dificuldade encontrada na alfabetização, segundo o instrutor Jeferson, é a falta de conhecimento dos próprios alunos sobre a Língua de Sinais.

De acordo com a professora de Língua Portuguesa, Luciene, São Muitos os desafios encontrados durante a alfabetização dos surdos em sua Língua Materna, ela cita questões como, a chegada tardiamente na escola sem se comunicar, depois em casa a família não tem nenhum conhecimento da Libras para ajudar nas atividades, deixando muitas vezes o aluno desinteressado. Por isso o apoio familiar é muito importante para o desenvolvimento do aluno.

As falas dos profissionais da sala de AEE, nos faz refletir sobre o filme “E seu nome é Jonas”, as dificuldades por eles descritas na alfabetização de surdos em Libras, são justamente algumas das que aparecem no filme. Vimos que, Jonas, começou a entender o significado das coisas, depois de ter contato com sua Língua Materna e começou a ser alfabetizado na mesma. Tornando-se um indivíduo capaz de estabelecer relações concretas e abstratas no mundo social.

CONSIDERAÇÕES

Com base no que foi apresentado, existem leis, decretos entre outros currículos oficiais que asseguram, teoricamente, direitos aos surdos, mas não garantem as ações, pois, para que haja, na prática, uma educação de qualidade, faz-se necessário o comprometimento e envolvimento entre o sistema de governo, educação, surdos e seus familiares e toda a sociedade. Ao longo da pesquisa foi notado há insuficiência de registros sobre o histórico da educação/alfabetização de surdos, como também sobre os estudos a respeito da legislação, logo, acreditamos que essa pesquisa tenha contribuído acerca dos avanços na educação de Surdos, bem como na priorização da sua alfabetização na Língua materna e sua inclusão no ensino regular, de modo que tenha despertado um olhar sensível para a valorização desse sujeito histórico.

Acreditamos que essa pesquisa não têm o seu final aqui, é necessário um estudo mais aprofundado sobre a questão, no entanto, explanando essa ideia, esperamos que a mesma possa se tornar objeto de estudo de outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Carla Barbosa. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: Abordagem Bilíngue na escolarização de pessoas com surdez**. Brasília. Ministério da educação. Secretaria de educação especial. Fortaleza. Universidade Federal do Ceara, 2010.
- BOMFIM, Gessica Maria da Silva. **Variação fonológica em libras: uma análise comparativa entre sinais regionais de Pernambuco e Ceará**. Serra Talhada, 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Resolução Nº 04 de 02 de outubro de 2009**.
- BRASIL, Ministério da Justiça. **A classificação indicativa na Língua Brasileira de Sinais**. Brasília, 2009. p. 08.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**
- BRASIL. LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**, Brasília, DF, Abril 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 15 de Julho 2019.
- BRITO, Ferreira L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender libras**. São Paulo. Parábola editorial, 2012. p. 16-114.
- LOBATO, Lak. **Afinal, quantos surdos existem no Brasil? (spoiler: ninguém sabe)**. Disponível em: <<https://desculpenaoouvi.com.br/>> Acesso em 22 de novembro de 2019.
- NUNES, Evelin Seluchiniak. **Políticas linguísticas para libras: considerações de uma professora surda**. Disponível em: < <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2889>> Acesso em 18 de julho de 2019.
- OLIZAROSKI, Iara Mikal Holland. **Trajetória histórica do sujeito surdo e reflexões sobre as políticas públicas que regem a educação do surdo no brasil**. Disponível em: < www.histedbr.fe.unicamp.br> Acesso em 17 de julho de 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Alfabetização e o ensino de Língua de Sinais**. Disponível em:<<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=47>> Acesso em 03 de junho de 2019.
- _____; PERLIN, Gladis(orgs). **Estudos surdos II**. Petrópolis. RJ. Arara Azul, 2007. p. 38-86
- _____. As línguas no contexto da educação de surdos. In: **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- _____. Educação bilíngue no contexto do aluno surdo. In: **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- RAMIREZ, Alejandro Rafael Garcia e MASUTTI, Maria Lúcia(orgs). **A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue**. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 2009. p. 21-61.

SILVA, Marta de Fátima da e SANTOS, Maria Elena Pires. **A educação Bilíngue para alunos surdos numa perspectiva culturalmente sensível/relevante.** Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/7181> > Acesso em 03 de junho de 2019.

SILVA, Simone Maria dos santos e PEREIRA, Maggie Francis Santos. **Alfabetização de surdos: o desafio do ensino de libras em sala de atendimento educacional especializado em escola regular.** Disponível em: < http://educonse.com.br/2012/eixo_11/PDF/14.pdf > Acesso em 03 de junho de 2019

ANEXOS:



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

ORIENTADORA: Noádia Silva

ORIENTANDA: Mauricéia Salvador de Araújo

Questionário

Nome: Joseilma Barbosa Lima

Cargo: Técnica de Educação – NID – CGDE - GRESAP

1. Quais são os textos oficiais (leis e/ou currículos) que tratam sobre direito dos surdos à educação no estado de Pernambuco/ cidade de Serra Talhada?
 - Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015 Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).
 - **DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011.**
 - § 2º No caso dos estudantes surdos e com deficiência auditiva serão observadas as diretrizes e princípios dispostos no [Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.](#) Garantia do Intérprete.
 - Decreto nº.6.949 de 25 de agosto de 2009.
 - Instrução Normativa de Avaliação SEE – PE nº. 04/ 2014.
 - Instrução Normativa SEE –PE Nº. 07/2014 sobre atendimento e recursos das salas SRMs.
 - **NOTA TÉCNICA Nº 02 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE**
 - **NOTA TÉCNICA Nº 04 / 2014 / MEC / SECADI / DPEE**
 - Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008.
 - **RESOLUÇÃO Nº 4, DE 2 DE OUTUBRO DE 2009**
 - Dentre outros...

2. No estado/cidade existe a proposta de alfabetização em LIBRAS?

- Existe sim a proposta no âmbito estadual. A legislação vigente garante a alfabetização em libras nas salas de AEE e também o intérprete para os estudantes que estão matriculados no ensino regular. No último concurso público do estado foi ofertado vagas para intérpretes e tradutores para atender os estudantes surdos.

(Caso a resposta anterior tenha sido NÃO), você acredita que o aluno surdo sente dificuldade em ser alfabetizado em Língua Portuguesa? Por quê?

- Sim. Porque a primeira linguagem a ser introduzida tem que ser libras e quanto mais cedo se garante a libras mais rápido o estudante pode ser alfabetizado.

(Caso a resposta anterior tenha sido SIM) quantas escolas da rede oferecem turmas de alfabetização em LIBRAS?

- Na Regional temos 03 escolas com turmas de alfabetização em libras e nas demais temos as salas de AEE onde também é ofertado o estudo de libras diante da necessidade do estudante surdo e que tenham outras deficiências.

3. A secretaria pode disponibilizar dados quantitativos sobre a educação de surdos (quantidade de alunos surdos, intérpretes, instrutores, faixa-etária dos alunos, taxa de sucesso dos alunos)?

- Na rede estadual a qual pertence a jurisdição da GRE – Alto Sertão do Pajeú os estudantes que estão matriculados em salas regulares com atendimento em salas de AEE – Atendimento Educacional Especializado, temos um quantitativo de: 86 estudantes surdos, 22 professores intérpretes/ instrutores estes alunos estão distribuídos em 19 escolas e cidades diferentes pertencentes a regional de Afogados da Ingazeira.

- Em algumas escolas estaduais são oferecidas aulas de libras nas salas de AEE para o atendimento de estudantes também da rede municipal que não dispõe da sala de atendimento, desta forma varia a faixa etária, já que o estado responde por turmas do ensino médio, turmas de EJA e algumas escolas ainda trabalham com o ensino fundamental.





UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

ORIENTADORA: Noádia Silva

ORIENTANDA: Mauricéia Salvador de Araújo

Questionário sobre atendimento a estudantes surdos em Serra Talhada

Nome: Jeferson Wesley Cordeiro dos Santos

Cargo: Professor/instrutor de LIBRAS

Data da entrevista: 11/10/2019

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO EM LIBRAS

1) Qual sua formação acadêmica?

Formação em Licenciatura plena em Letras Libras pelo UFPB, especializado em Libras pelo FIP. E graduando em segunda licenciatura em Pedagogia pelo Unicesumar.

2) Há quanto tempo você leciona em turmas de surdos?

Eu trabalho nessa área de educação dos surdos desde 14 de junho de 2017.

3) Você tem experiência no ensino regular?

Eu trabalho na escola inclusiva e regular, mas eu trabalho na área de AEE.

4) Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior (3), quais as principais diferenças que você nota entre o ensino de surdos e as turmas regulares?

5) Contar um pouco sobre como/porque surgiu seu interesse em ensinar Língua Brasileira de Sinais.

Eu sou surdo e quero ensinar a LIBRAS para pessoas que não sabem LIBRAS e tornam fluentes, para melhorando a vida de cidadãos surdos e ouvintes na comunicação humana e torna melhor para ambos lados, civilização mais humanizado.

6) Você é favorável à alfabetização do aluno surdo em LIBRAS? Por quê?

Sim, sou favor, como já sabe que sou surdo. Eu sou favorável à alfabetização dos alunos surdos a Libras porque é primeira língua natural que é uma língua de sinais que facilita a compreensão dos surdos na aprendizagem e desenvolvimento escolar, por conta de instrumentos de Libras que ajudá-los adquirindo seus conhecimentos. Se não fosse a Libras, alunos teriam dificuldades de aprender. Como os surdos vão se comunicar sem sua própria língua? Libras é língua materna deles.

7) Encontra desafios em alfabetizar em LIBRAS? quais?

Sem sua própria língua, eles teriam tantas dificuldades de aprender e em adquirir seus conhecimentos. Por isso, os alunos surdos que não conheceram a sua própria língua, isso era um desafio que tenho que alfabetizar os surdos em usuários de Libras e também se interagem com os colegas fluentes ajudaram a desenvolver a sua fluência e facilita a compreensão na comunicação humana. E com isso, apoio de instrumentos de Libras a eles que buscar os novos conhecimentos, ou seja, disciplinas. E os surdos aprenderem a modalidade escrita de segunda língua como português com apoio de Libras para facilitar á sua compreensão para se escrever ou ler.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

ORIENTADORA: Noádia Silva

ORIENTANDA: Mauricéia Salvador de Araújo

Questionário sobre atendimento a estudantes surdos em Serra Talhada

Nome: Luciene Alves Santos Pulça

Cargo: Professora

Data da entrevista: 16/10/2019

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO EM LIBRAS

1) Qual sua formação acadêmica?

Psicologia.

2) Há quanto tempo você leciona em turmas de surdos?

A mais de 15 anos.

3) Você tem experiência no ensino regular?

Sim.

4) Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior (3), quais as principais diferenças que você nota entre o ensino de surdos e as turmas regulares?

A dificuldade maior é que o aluno surdo chega a escola muito tarde, idade avançada sem nenhuma comunicação em Libras. O aluno ouvinte já fala e tem um conhecimento prévio oral.

5) Contar um pouco sobre como/porque surgiu seu interesse em ensinar Língua Brasileira de Sinais.

A anos atrás, tinha uma aluna surda na turma de ouvintes e que não existia comunicação, na sala ninguém sabia LIBRAS. Surgiu em Recife uma formação para professores em Educação Especial em todas as áreas, então fiz pra surdez e estou até hoje.

6) Você é favorável à alfabetização do aluno surdo em LIBRAS? Por quê?

Sim, porque é sua primeira língua e é de competência do surdo a Libras.

7) Encontra desafios em alfabetizar em LIBRAS? quais?

São Muitos desafios, o aluno chega tardiamente na escola sem se comunicar, depois em casa a família não tem nenhum conhecimento da LIBRAS para ajudar nas atividades, deixando muitas vezes o aluno desenterrado. Digo, o aluno fica desinteressado, por isso o apoio familiar é muito importante para o desenvolvimento do aluno.

09/09/2019

EREM. Carmelito Soares

Serra Talhada, 07 de outubro de 2019

Tarefa de Português

1) Exercício e texto:

Os balões de sabão

Eu gosto muito de brincar com balões de sabão. Eles são leves, redondinhos e alegres. Vam pelo ar, pela terra, dentro de casa e a gente não pode que seque.

Os balões são nossos amigos, eles não falam, mas o seu silêncio diz que os balões muito e ser livre.

Minha mãe sempre diz que os balões são salt e que me a casa mas ela gosta de me ver brincar.

07/09/201

com as palavras de sobre porque
ela queria que a vida das pessoas
fosse diferente como as palavras

2) círculo de vermelho - lha - lha - lha

balha - falla - folha

filho - espelho - trabalho

gêlio - alho - filhinhos

3) complete as frases com as palavras.

balha - alho - balha - trabalho

a) árvore tem muitas folhas

b) O alho de Silvana é azul.

c) O balha de sobre malha o chão

d) O trabalho de Popai é na rua

08/09/2019

EREM - Camélio Soares
 5ª série - data 08 de outubro de 2019
 * Preparação Português

1) Escreva os nomes dos exemplos

flor - elefante - gato - carro

dinossauro - helicóptero - avião

bala - menina - índio - lâmpada

peixe - quadro - ninho - sinal

ovelha - urso - rato - trem - soso

zebra - violino - xilofone

2) Escreva

08/10/2019

2) Exercício as nomes na
ordem alfabética

a avião

a lâmpada violino

b bola

m amino 35 ifofane

c carro

n inhe

z zebra

d dinossauro

o velha

e bebê

p inca

f flor

u urubá

g gato

q quadro

h helicóptero

r rato

i olho

s sapo

j jacaré

u urubá

l leão

08/10/2019

3) escreva os hormônios que
comparam com os vegetais:

A abscisão

E lona

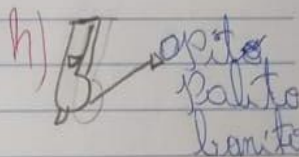
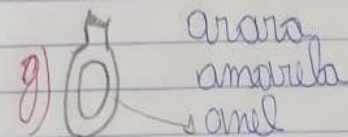
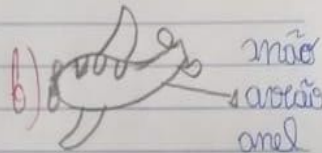
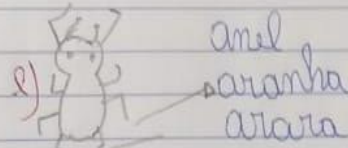
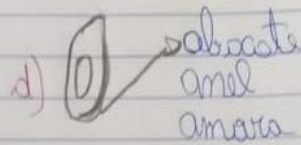
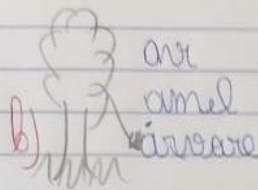
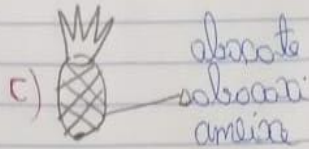
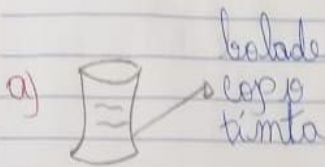
I ndio

O nibudo

U una

08/10/2019

1) circule a palavra de acordo
com o desenho.



08/10/2019



11/09/2019

EREM. Carmelita Soares
Sobra faltada 11 de outubro de 2019

Área de Matemática

1) Escreva o texto:

Medida de Comprimento

Com a régua que unidade padronizada de medida, podemos medir várias e objetos.

Com o metro também medimos muitas coisas em tamanho maior.

→ Régua → unidade padronizada: cm = centímetros
 → metro → unidade padronizada: m = metros

Vamos medir com a régua

a) o comprimento:

- a) de seu caderno 27,5 cm de altura e 20,2 cm de largura
- b) de lápis 56,2 cm de altura
- c) do borracha 37 mm
- d) do seu nariz 17,9 cm
- e) do seu pé 25 cm

b) com o metro

- a) a sala 7 m, 40 cm, 50 cm e 60 cm
- b) a porta 2 m, 20 cm
- c) o armário 2 m e 40 cm
- d) o janela 1 m e 90 cm

tiilibra